

A villa da Abadia (Santa Comba Dão, Viseu): materiais arqueológicos e vias de comunicação

* Mestre em
Arqueologia e
Território pela
Universidade de
Coimbra.
pjmatos27@hotmail.com

Pedro Matos*
Helena Catarino**

** Professora da
Faculdade de Letras
da Universidade de
Coimbra.
hcatarino@fl.uc.pt

Os autores escrevem
segundo o Acordo
Ortográfico de 1945.

Resumo Em trabalhos arqueológicos recentemente desenvolvidos no município de Santa Comba Dão, foi identificada uma *villa* romana a sul do rio Dão, de proporções incomuns para a região onde se encontra. Os materiais exumados em escavações antigas nesta *villa*, intitulada “Abadia”, indiciam a sua ligação com os centros de poder a sul do planalto da Beira Alta, e permitem descortinar uma ocupação enquadrada entre os inícios da Época Imperial e Antiguidade Tardia. No presente trabalho serão apresentados, portanto, parte do espólio arqueológico desta *villa* e a sua possível posição de destaque dentro de uma rede de contactos à escala regional.

Abstract Recent archaeological researches carried out in Santa Comba Dão, showed the existence of a Roman villa south of the Dão river, of unusual proportions whereas where it is found. Exhumed artifacts in former excavations in this villa, entitled “Abadia”, indicate its connection with the power centers south of the Beira Alta plateau, and reveal an occupation framed between the beginnings of the imperial era and late Antiquity. Part of the archaeological materials of this site and its possible position of prominence within a network of contacts on a regional scale are presented in this paper.

1. Território

O concelho de Santa Comba Dão (Viseu), com cerca de 112 km², está localizado no sul da superfície planáltica da Beira Alta, encaixado entre as serras do Caramulo e Buçaco, a poente, e Estrela e Lousã, a nascente. Ao centro, é cortado pelo rio Dão, que, ainda no seu território, desagua no Mondego, no que é hoje a albufeira da barragem da Aguieira, sob cujas águas ficou submersa a antiga aldeia de Foz do Dão. O sítio arqueológico sobre o qual nos iremos agora debruçar, designadamente a *villa* da Abadia, localiza-se entre os rios Dão e Mondego, a pouco mais de 6 km da foz do Dão (Fig. 1).

Na Época Romana, este território, possivelmente, pertenceria à *civitas* de Bobadela, numa zona bastante periférica tanto em relação a esta quanto às *civitates* de *Aeminium* e *Vissaium*.

2. A villa da Abadia

A pouco menos de 1 km da margem esquerda do Dão, entre as povoações de Óvoa e Cagido (União de Freguesias de Óvoa e Vimieiro), foi identificado um assentamento antigo indiciado por uma mancha de ocupação com cerca de 5 ha, caracterizada por materiais de construção de tradição romana (*tegullae* e *imbrices*) e fragmentos de cerâmica comum, espalhados por uma planura bastante fértil, irrigada por várias nascentes que aqui se juntam num ribeiro tributário do Dão. No lado poente deste *habitat* encontra-se a encosta do Patarinho, onde, em escavações antigas, foi posto a descoberto parte de um compartimento de planta rectangular, então registado como Patarinho 3. Também na encosta do Patarinho está situado um conjunto de sepulturas rupestres que indiciam a conversão desta zona em espaço sepulcral, provavelmente, em inícios da Alta Idade Média. A pouco mais de 350 m para sul do Patarinho 3, foram identificados, na zona do microtopónimo “Abadia”, fragmentos de canalização em chumbo, pesos de tear e cerâmicas alto-imperiais (cerâmicas com imitação de engobe vermelho pompeiano).

Muito ainda há por estudar até que seja possível avançar com uma proposta segura para a tipologia deste assentamento, todavia, face aos dados actuais, julgamos lícito, ainda que provisoriamente, entendê-lo como uma grande *villa*, doravante referida como *villa* da Abadia¹, situada nas



proximidades de uma via de comunicação regional, conforme será desenvolvido mais à frente.

Do espólio exumado nos sítios do Patarinho 3 e Abadia, apenas tivemos acesso ao primeiro, que durante anos, permaneceu depositado no edifício da Junta de Freguesia de Óvoa. Recentemente, no âmbito dos nossos estudos, tivemos a oportunidade de realizar a sua análise tipológica, através da qual, e tendo em conta que no decorrer das escavações não foi realizado o registo estratigráfico, conseguimos uma aproximação inicial à ocupação de pelo menos uma parcela dessa grande *villa*, bem como começar a descortinar as suas possíveis ligações com os centros de poder na Época Romana e pós-romana.

Não será este, certamente, o momento mais adequado à apresentação do pormenorizado estudo de análise material desenvolvido. Foram ao todo lavados e catalogados 507 fragmentos, dos quais 85 se prestaram à identificação formal, e 23 ostentavam algum tipo de decoração. Desta forma, tendo em conta o intuito deste texto, iremos agora nos centrar, portanto, nos artefactos decorados e nas cerâmicas importadas ou de fabrico regional, ou seja, será dada atenção aos exemplares que enquadram a *villa* da Abadia numa rede de contactos à escala regional.

Fig. 1 – Localização do concelho de Santa Comba Dão.

¹Para toda a extensão da mancha de ocupação, optámos por manter a designação atribuída ao sítio “Abadia”, uma vez que foi o mesmo registado no Endolvélico com a tipologia de *villa* (CNS 14526).

2.1. Materiais de importação

2.1.1. Vidro

Foram identificados vários fragmentos de vidro, quase todos, com dimensões demasiado reduzidas para a definição tipológica, embora aparentemente, partes de um mesmo recipiente. Ficou documentada uma base de garrafa do tipo *Isings 50*, forma que surge em meados do século I d.C. e perdura até ao século III e mais raramente ao século IV d.C. (*Isings*, 1957, pp. 63–66), sendo os exemplares mais tardios fabricados num “vidro delgado e de fraca qualidade” (*Alarcão & Alarcão*, 1966, p. 90), o que não se aplica ao artefacto ora apresentado (*Fig. 2*).

Fig. 2 – Fragmento de fundo de garrafa *Isings 50* (Patarinho 3).



Trata-se de um fragmento de base côncava, com 0,5 cm de espessura, coloração verde-gelo, transparente, de superfície picada onde são visíveis alguns riscos. Ostenta uma roseta de seis ou oito pétalas das quais três são perceptíveis, não sendo possível identificar se estaria ou não inscrita num círculo. Motivos semelhantes em fundos de *Isings 50* foram registados em *Conimbriga* (*Isings*, 1957, pp. 94–96), onde destacamos, pela semelhança, um fragmento com “*une étoile à huit pointes ou une fleur à huit pétales*” (*Alarcão & Étienne*, 1975, p. 168).

2.1.2. Terra sigillata

Pertencem ao conjunto analisado 48 fragmentos de *terra sigillata hispânica* (TSH) dos quais 16 se prestaram ao desenho (*Fig. 3*) e um apresentou elementos decorativos. Seguindo a

tipologia de *Hans Dragendorff* (1948), registamos: nove fragmentos de pratos *Drag. 15/17*, quatro fragmentos de tigelas *Drag. 27*, dois bordos de tigelas *Drag. 37* e um bordo com barbotina de taça *Drag. 35*.

Conforme afirmaram *Romero & Ruiz* (2005, p. 189), os pratos *Drag. 15/17* destacam-se entre as formas lisas de *sigillata* hispânica, fabricados desde inícios da sua produção nos ateliês de *Tritium Magallum* em meados do século I d.C. perdurando até ao século III, e nos ateliês de Jaén (Bética), os exemplares de perfil muito aberto, semelhante a peças agora apresentadas, começaram a ser “fabricados em momento avançado no século I d.C.”² (*Fernández & Ruiz*, 2005, p. 142). A este respeito, também *Paz* (1991, p. 59) já havia destacado o maior tamanho e as paredes mais abertas da forma em questão como uma característica dos fabricos mais tardios, tendo o citado autor referido que, em *Turiaso* (Tarazona, Saragoça), as *Drag. 15/17* foram datadas até aos meados do terceiro quartel do século IV d.C. (*Paz*, 1991, p. 61).

As *Drag. 15/17* de *Conimbriga* estão datadas nos séculos I e II d.C. (*Mayet*, 1984, pp. 183–183), e na zona do *forum* de *Aeminium*, foram recolhidos, pelo menos, quatro fragmentos em contexto de deposição secundária enquadrados, com reservas, no século I d.C. ou segunda metade do século II e século III d.C. (*Silva*, 2015, p. 147). Na Beira Alta, mencionamos o exemplo de *Vilares* (Trancoso) onde um fragmento foi encontrado num aglomerado populacional ou, possivelmente, um vicus do Baixo Império (*Curado, Ferreira & Lobão*, 2013, p. 30) com ocupação documentada já na Época Alto-Imperial.

As taças ou tigelas *Drag. 27* são igualmente peças de destaque entre as formas lisas nos fabricos de *Tritium Magallum* (*Romero & Ruiz*, 2005, p. 189), onde os exemplares de bordo com lábio destacado, semelhantes à taça *PAT. 82* do nosso estudo, remetem aos primeiros tempos da sua produção, não sendo de excluir uma cronologia mais avançada, pois, conforme observou *Escrivá* (1989, p. 158), a partir da época flaviana aparecem em percentual semelhante peças “com lábio mais ou menos marcado”³. Nas olarias de *Tritium Magallum* as *Drag. 27* foram fabricadas até ao século III d.C. (*Romero & Ruiz*, 2005, p. 189). Na região Beirã, referimos como exemplos a possível *villa*

²Livre tradução dos autores.

³Livre tradução dos autores.

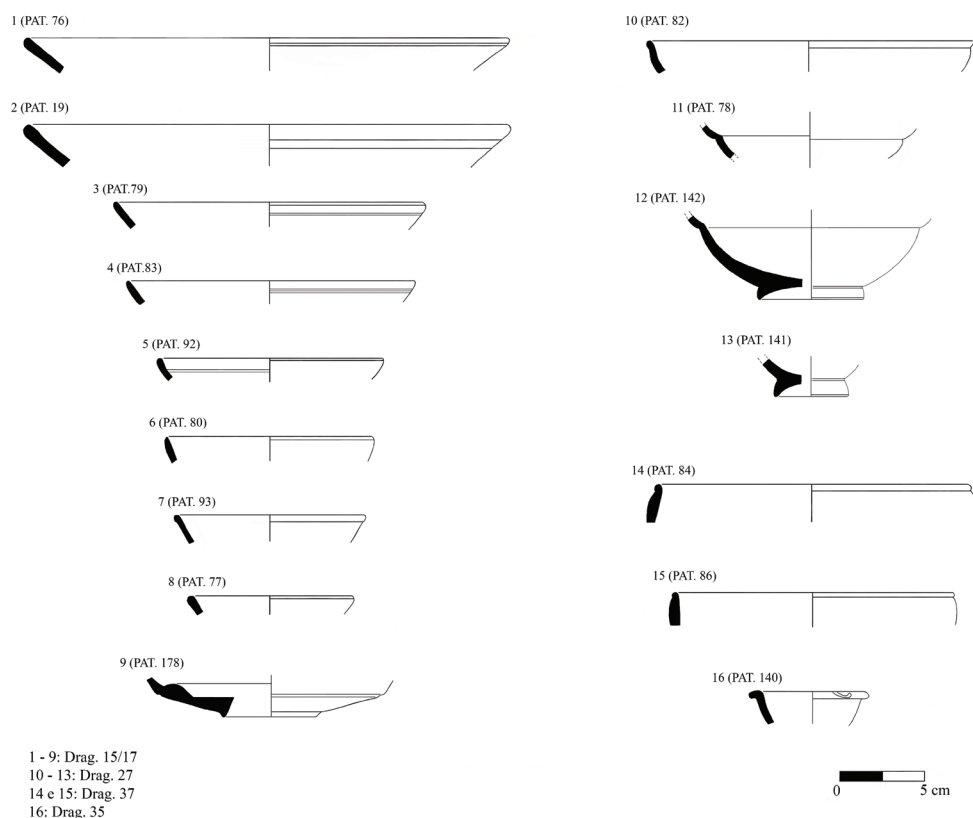


Fig. 3 – *Sigillata* hispânica (Patarinho 3).

1 - 9: Drag. 15/17
 10 - 13: Drag. 27
 14 e 15: Drag. 37
 16: Drag. 35

ou centro urbano da Póvoa de Mileu (Guarda) onde peças deste tipo foram identificadas em contextos inseridos entre a segunda metade do século I d.C. e o último quartel do século II d.C. (Pereira, Cameijo & Marques, 2012, pp. 72–76).

Também no *forum* de *Aeminium* foi registado um exemplar enquadrado em meados do século I d.C. nos níveis superficiais do Fontanário (Silva, 2015, p. 147).

Os pratos Drag. 35 possuem uma forma com protótipo na *sigillata gálica* (Beltrán, 1990, p. 118). O exemplar do Patarinho 3 é um bordo com folha de água em barbotina, como “la mayoría de los exemplares de época Alto Imperial” (Paz Peralta, 1991, p. 63), e corresponde a uma forma produzida nos ateliês de *Tritium Magallum* em inícios da época flaviana. Na região da Beirã, esta forma tem uma presença bem documentada, por exemplo, em *Conimbriga* (Mayet, 1984, p. 27; Cunha, 2009, p. 84), no *forum* de *Aeminium* (Silva, 2015, p. 147) e na Póvoa de Mileu (Pereira, Cameijo & Marques, 2012, p. 71).

Os últimos dois fragmentos que referimos de TSH correspondem a bordos de duas tigelas Drag. 37, sendo quase certo que pertença a uma destas peças o bojo decorado com círculos concêntricos

intercalados por palmetas. As Drag. 37 representam uma das formas decoradas mais comuns de TSH, ainda dependentes das produções gálicas (Beltrán, 1990, p. 118). No *forum* de *Aeminium*, assim como as Drag. 15/17, foram identificadas em contexto de deposição secundária nos níveis posteriores ao século VI d.C. (Silva, 2015, pp. 146–147). Segundo P. Ciprés (1987, pp. 17–24), as Drag. 37 foram utilizadas, sobretudo, entre finais do século I e inícios do século III d.C.

Finalmente, referimos um fragmento decorado de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia (TSHT) (Fig. 4). Este fabrico enquadra-se entre finais do século



Fig. 4 – Fragmento de TSHT (Patarinho 3).

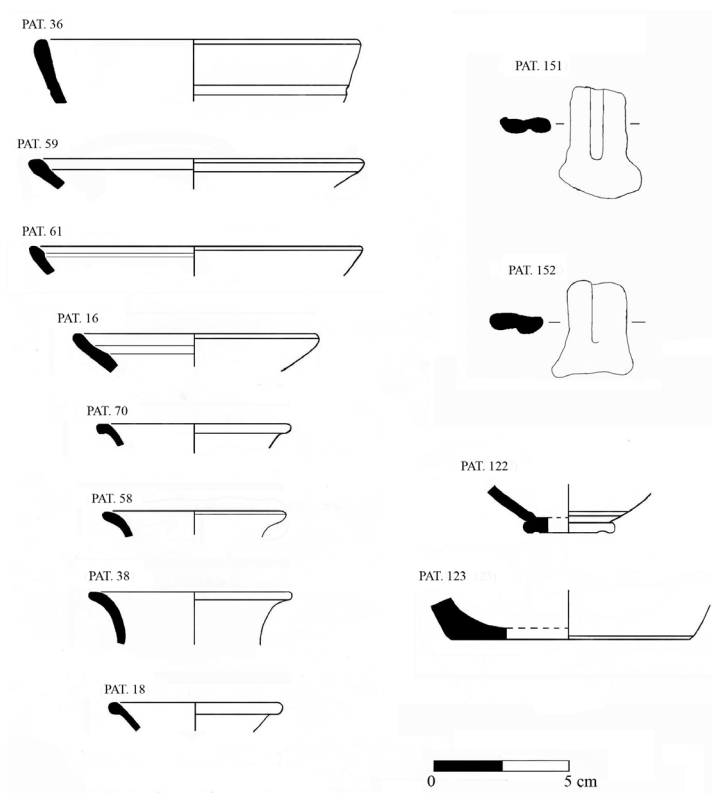


Fig. 5 – Cerâmicas cinzentas finas (Patarinho 3).

II e século III d.C. e o primeiro quartel do século VI d.C., com uma difusão realizada principalmente pelo vale do Ebro, mas também através do Douro, ainda que em menor escala (Beltrán, 1990, p. 118).

O fragmento em questão corresponde a um bojo de verniz quase completamente desintegrado, a ostentar uma decoração a molde com motivos geométricos, designadamente círculos a roleta inacabados e triângulos, enquadrados no segundo estilo de decoração a molde das TSHT descrito por F. Mayet (1984, pp. 258, 259), comuns às Drag. 37 tardias de *Conimbriga* (Mayet, 1984, p. 259), forma que “caracteriza el período entre el siglo IV e VI d.C.” (Beltrán, 1990, p. 119). O segundo estilo fora oriundo tanto das olarias do vale do Ebro quanto da Meseta, em fabricos inseridos entre a segunda metade do século IV e o século V d.C. (Beltrán, 1990, p. 119), sendo, “sem dúvida, o estilo mais representativo entre os utilizados para decorar os vasos de *sigillata hispânica tardia*”⁴ (Paz, 1991, p. 105).

Em Terronha de Pinhovel (Macedo de Cavaleiros, Bragança) os exemplares informes de TSHT com decoração a molde foram remetidos àquela forma, balizada entre os séculos III e V/VI d.C. (Silva, 2007, p. 9), e nas olarias de San

Antón (Burgos), as Drag. 37 tardias decoradas pela mesma técnica do fragmento apresentado, são predominantes entre as produções de tigelas (Pérez & Domínguez, 2005, p. 280).

2.2. Cerâmicas comuns regionais

2.2.1. Cerâmica cinzenta fina

Traduz-se num dos fabricos mais bem representados do Patarinho 3, e representa uma produção amplamente documentada a nível regional e nacional, que “dispensa grandes apresentações” (Silva, 2015, p. 122).

Integra 144 fragmentos, dos quais 12 se apresentaram ao desenho (Fig. 5) e 11 apresentaram decoração por polimento. Todos possuem pastas bem depuradas eventualmente com pequenos vacúolos, em tons de cinza, algumas em tonalidade mais clara e outras acastanhadas, com inclusões completamente invisíveis a observação macroscópica. A maioria apresenta marcas do torno de oleiro, e nos exemplares em que estas não são perceptíveis, isto pode tanto indicar uma manufatura por técnicas de modelação, quanto terem sido apagadas pelo cuidadoso alisamento das superfícies (Alarcão, 1974, p. 58), este, sempre presente. Em termos funcionais todos os fragmentos pertencem a formas finas destinadas ao serviço de mesa.

Os fragmentos de cerâmicas cinzentas finas polidas, todos informes, apresentam motivos já bem documentados nesta tipologia alto-imperial, ou seja, linhas em zigue-zague, faixas onduladas e faixas paralelas orientadas geralmente perpendicularmente a um traço polido. Estes motivos foram registados nas cerâmicas cinzentas finas de *Conimbriga* nos estratos da segunda metade do século I d.C. (Alarcão, 1974, p. 88) e nos níveis augustanos e claudianos do *forum* de *Aeminium* (Silva, 2015, pp. 124–129). No Norte de Portugal, para o registo das cerâmicas cinzentas finas polidas, referimos como exemplos: o Castro de Romariz (Santa Maria da Feira) onde foram encontradas em níveis do século I d.C. (Centeno, Morais & Soeiro, 2014); Monte Mózinho (Penafiel), enquadradas entre as épocas júlio-cláudia e flaviana; no Castro Padrão (Santo Tirso), registadas acima dos pisos de construções quadrangulares, em meio a materiais do último quartel do século I d.C. (Sоеiro, 1981–1982).

⁴Livre tradução dos autores.

Para os exemplares com forma, o enquadramento cronológico-cultural resulta mais problemático, uma vez que o alto grau de fragmentação não nos permitiu incluí-los seguramente nem no grupo acima apresentado, já que não foi possível perceber se possuíam elementos decorativos, nem nas cerâmicas cinzentas de tradição indígena. Em termos formais, quatro bordos de colo alto, em arco côncavo, assemelham-se ao de potes e potinhos de cinzentas finas polidas de *Conimbriga* (Alarcão, 1974, pp. 88, 89) e do *forum* de *Aeminium* (Silva, 2015, p. 129). Os restantes encontram semelhanças no grupo de cinzentas finas de tradição indígena de *Conimbriga* enquadradas entre os séculos II / I a.C. e a primeira metade do século I d.C. (Alarcão, 1974, pp. 58–71). A este respeito, mencionamos, da nossa coleção, os fragmentos de IDs 59 e 61, semelhantes aos pratéis que teriam fundo raso (Alarcão, 1974, p. 63), e o bordo de ID 36, esvasado com lábio boleado, semelhante a taças e tigelas com “copa sobre o bicónico” e “copa em calote esférica” (Alarcão, 1974, pp. 66, 68). Neste grupo foi ainda documentado um conjunto de oito asas: seis em fita; uma proto-bífida (PAT. 152); uma bífida (PAT. 151), idêntica a um exemplar de cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Centeno, Morais & Soeiro, 2014, p. 301). Registaram-se também oito fundos, quatro de base plana e quatro de base emoldurada na face externa, pertencentes a peças de pequenas dimensões (púcaros e puca-rinhos), muito parecidos com os exemplares grafitados também das cerâmicas cinzentas finas polidas do Castro de Romariz (Centeno, Morais & Soeiro, 2014, p. 303). No povoado de Monte Mozinho, os fundos de cerâmicas cinzentas finas de base plana lisa e/ou emoldurada, foram enquadrados maioritariamente em época flaviana e com menor expressão no período júlio-cláudio (Soeiro, 1981–1982, p. 99).

2.2.2. Cerâmicas alaranjadas finas

Conjunto formado por fragmentos finos, manufacturados a torno, de superfícies cuidadosamente alisadas deixando, eventualmente, escondidas as marcas do torno. Possui as pastas de melhor qualidade do grupo das cerâmicas comuns, bem depuradas, com cores que oscilam entre laranja, laranja-esbranquiçado e

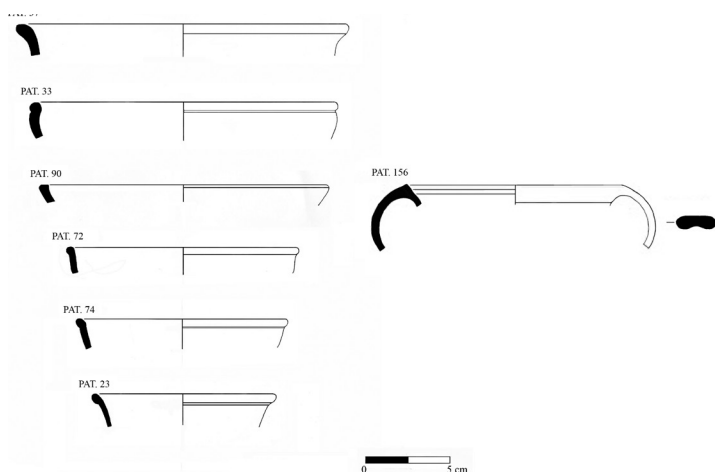


Fig. 6 – Cerâmicas alaranjadas finas (Patarinho 3).

rosa alaranjado, onde as inclusões são, sobretudo, de pequeno calibre ou mesmo imperceptíveis à observação macroscópica.

Todas as formas identificadas eram recipientes de mesa (Fig. 6), designadamente tigelas, potinhos, púcaros e copa. Trata-se de um fabrico diacrónico integrado entre o Alto Império e a Antiguidade Tardia. Em *Conimbriga*, as alaranjadas finas foram documentadas entre os séculos I e V d.C., e no *forum* de *Aeminium*, preponderantemente em níveis tardios (séculos IV e V d.C.) nas zonas do Fontanário e da antiga Igreja de São João (Silva, 2015, pp. 146–152). Para uma aproximação cronológica sustentada na análise formal, em se tratando de um serviço de mesa fino enquadrado em épocas romana e pós-romana, resulta fiável identificar semelhanças com recipientes de fabricos relativamente datáveis, pois, conforme observaram Silva, Fernández & Carvalho (2015, p. 244) ao analisar as cerâmicas alaranjadas finas do *forum* de *Aeminium*, “os exemplares recuperados acabam por apresentar cronologias das formas que imitam (ou das formas que se inspiram)”. Assim, os fragmentos de bordo esvasado encontram paralelos nos púcaros e potinhos das alaranjadas finas de *Conimbriga* semelhantes a púcaros de cerâmicas cinzentas finas alto-imperiais, enquadrados possivelmente nos séculos II e III d.C. (Alarcão, 1974, p. 94). Uma tigela (PAT. 33) apresenta perfil aparentemente influenciado pelas formas Drag. 37 de TSH ou Drag. 37 e Drag. 29/37 de TSHT, e um bordo extrovertido com asa bífida (PAT. 156) encontra paralelos nas copas bitroncônicas das cerâmicas alaranjadas finas de *Conimbriga* (Alarcão, 1974, p. 96), sendo idêntico a um jarro do século VI d.C., recentemente

⁵As cerâmicas alaranjadas finas e cerâmicas alaranjadas finas polidas, idealmente, deveriam ser registadas em fabricos distintos; todavia, por conta do seu elevado grau de fragmentação no Patarinho 3, não nos foi possível distingui-las com segurança, pelo que foram ambas incluídas, de forma genérica, num mesmo grupo.

documentado no anfiteatro desta cidade (Cerveira, 2017, p. 208).

A decoração neste fabrico foi realizada por polimento⁵ e pintura. A primeira foi detectada em duas peças com motivos de linhas paralelas e perpendiculares. Em *Conimbriga* a cerâmica alaranjada fina polida foi integrada na mesma cronologia das alaranjadas finas (Alarcão, 1974, pp. 93–99); já no *forum* de *Aeminium* foi registada em níveis de meados do século I d.C. quando esta forma decorada prevalecia à lisa. No respeitante à cerâmica pintada, registamos um fragmento com linhas paralelas de cor vermelho-vinho, semelhante às cerâmicas romanas pintadas do sítio de Cáparra II, no norte da Extremadura, enquadradas na segunda metade do século I d.C. (Bustamante, 2016). Este motivo está presente, quer isoladamente, ou combinado com outros ornamentos, em sítios do ocidente peninsular desde finais da Idade do Ferro até ao Baixo Império (Luezas & Martín, 1995, p. 237). No *Municipium Augusta Bilbilis* (Saragoça), as cerâmicas com motivos geométricos pintados estão amplamente representadas, enquadradas no período áureo daquela cidade durante o século I d.C. (Luezas & Martín, 1995, pp. 237, 256).

2.2.3. Cerâmica calcítica

Foi registado apenas um fragmento de cerâmica calcítica, que felizmente nos deu forma (Fig. 7), designadamente, um pote de bordo redobrado sobre o ombro com lábio em gancho. A pasta possui uma coloração cinzento-escuro no cerne e laranja avermelhada ao se aproximar da parede interna, coloração que a reveste completamente, já a externa apresenta uma tonalidade castanha escura no bordo e

castanha avermelhada no ombro. Os ácidos solos graníticos do Baixo Dão terão desfeito os cristais de calcite, deixando vacúolos na parede interna e no bordo que lhes confere um aspeto de “queijo-suíço”.

No *forum* de *Aeminium*, designadamente nos níveis de abandono do Fontanário, as cerâmicas calcíticas foram enquadradas entre os séculos IV e V d.C. (Silva, Fernández & Carvalho, 2015, pp. 243, 244), e em *Conimbriga*, um pote fabricado na Ínsula do Vaso Fálco que foi identificado em contextos do século V d.C. (Alarcão, 1974, p. 111, peça n.º 700; Alarcão, 1975, p. 150), assemelha-se ao exemplar do Patarinho 3. Em *Conimbriga*, este fabrico esteve presente desde o Alto Império até à Antiguidade Tardia (Alarcão, 1974, p. 110). Em sondagens recentes realizadas no seu anfiteatro, as cerâmicas calcíticas apareceram em níveis enquadrados entre o período augustano e a época suevo-visigoda, ao que lhes foi atribuída uma cronologia de produção que se estende para além do século V d.C. (Cerveira, 2017, p. 49).

Mais do que um indicador cronológico, o artefacto apresentado representa um fabrico regional, possivelmente da zona de *Conimbriga*, e manifesta a afluência dos produtos desta região para o espaço em estudo.

2.2.4. Imitação de engobe vermelho pompeiano

Fabrico bem representado no Patarinho 3, mas em alto grau de fragmentação, pelo que foi possível reconstituir o perfil de apenas dois exemplares. São fragmentos de manufatura torneada, com pastas em tons de laranja acinzentada e laranja avermelhada, bem depuradas, compactas e algo granulosas, com inclusões de pequeno e médio calibre, neste caso, com destaque para os grãos de mica. É certamente o tratamento de superfície o elemento agregador deste grupo, caracterizado por uma aguada de argila castanha avermelhada que lhes confere uma fina camada “esmalhada”, pouco aderente, por vezes completamente desgastada.

Formalmente, este grupo está representado pelos pratos covos (Fig. 8) que imitam a Forma 6 da tipologia de Aguero (1991) para as cerâmicas de engobe vermelho pompeiano. São, portanto, recipientes rasos e largos, de bordo introvertido e lábio arredondado, por vezes com discreto espessamento interno. As

Fig. 7 – Cerâmica calcítica (Patarinho 3).

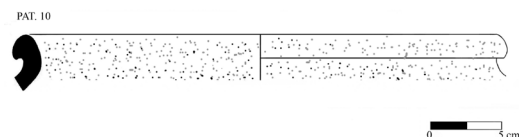
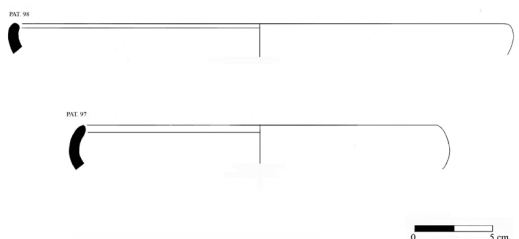


Fig. 8 – Cerâmicas de imitação de engobe vermelho pompeiano (Patarinho 3).



paredes são tendencialmente arqueadas, ou conforme referiu Jorge Alarcão (1974, p. 55), como “popa de barco”. Funcionalmente, todos os exemplares poderiam tanto ser destinados à cozinha quanto ao serviço de mesa (Dias, 2014, p. 66), todavia, originariamente consiste num tipo de peça utilizado na preparação das *patinae*, ou seja, guisados onde os ingredientes principais são esmigalhados e geralmente ligados com ovos batidos para posterior cozimento em lume brando (Aguarod, 2017, p. 36). Segundo Aguarod (2017, p. 36), o aparecimento desta forma entre as comunidades autóctones supõe “*una auténtica aculturación y un gran cambio en sus costumbres culinarias*”.

Os fabricos de imitação predominam sobre os originais, principalmente em zonas afastadas do litoral (Dias, 2014, p. 62), portanto, sem acesso directo aos produtos importados. Segundo Aguarod (2017, p. 36) as imitações de engobe vermelho pompeiano difundem-se pelo império a partir do período claudiano, datando deste momento inicial até ao século II os recipientes que “*tratan de igualar el excelente engobe interno de las producciones campanas*”, em oposição aos mais tardios que dele carecem (Aguarod, 2017, p. 36). É também em época claudiana que se enquadram as imitações da Forma 6 documentadas no *forum* de *Aeminium* (Silva, 2015, p. 140), bem como um fragmento de bordo registado no anfiteatro de Conimbriga idêntico às peças do Patarinho 3 (Cerveira, 2017, p. 210). Produzida e difundida à escala regional, representa mais uma prova da integração da *villa* da Abadia em circuitos comerciais regionais ao longo do Alto-Império.

2.2.5. Cerâmica comum decorada

Por último, apresentamos alguns fragmentos de cerâmicas alaranjadas decorados com motivos emoldurados de linhas ameandradas e onduladas, e reticulados, realizados por incisão simples ou a pente (Fig. 9). Como paralelos para estas peças, mencionamos: as cerâmicas decoradas dos assentamentos visigodos no vale do rio Jarama (Madrid); os recipientes de armazenamento e cozinha documentados em níveis do terceiro quartel do século V em *El Castellón* (Zamora) (Sastre, Catalán & Fuentes, 2014); o grupo dos grés argilosos de *Conimbriga* (Alarcão, 1974, pp. 112–126). No assentamento de



Fig. 9 – Cerâmicas alaranjadas com decoração incisa (Patarinho 3).

Dehesa de La Ventosa (Cáceres), com uma ocupação enquadrada em finais do período visigodo, este tipo de decoração foi documentado com bastante expressão, não apenas em cerâmicas comuns, mas em *tegullae* e *imbrices* (Fernández, 2012–2013, pp. 68–75), e, mais recentemente, em escavações levadas a cabo no sítio de *Santa María de Abajo* (Carranque, Toledo), um fragmento de cerâmica comum tardo-antigo, com incisões de motivos ondulados, foi documentado no preenchimento de um silo que penetra os estratos alto-imperiais, e em níveis do século V d.C. (García & alii, 2017, pp. 163–166). Note-se que, neste mesmo estudo, as cerâmicas comuns de cozinha e mesa com motivos ondulados incisos foram quase todas registadas em contextos tardo-antigos (García & alii, 2017, p. 156).

As incisões a pente enquadram-se no tipo B de decoração incisa de Gutiérrez (1996, p. 156). Esta técnica decorativa servia-se de “pentes de madeira, osso ou metal” (Gutiérrez, 1996, p. 156)⁶, que

parecen ser uno de los instrumentos alfareros más extendidos, con tradición desde época tardorromana” (Gutiérrez, 1996, p. 156).

De volta à região Beirã, no casal romano do Relengo (Sabugal), as cerâmicas com decorações incisas de motivos ondulados e ameandrados foram enquadradas no segundo momento de ocupação deste assentamento datado para os séculos IV e V d.C. (Osório & alii, 2008). Em contrapartida, no *forum* de *Aeminium*, Ricardo Costeira da Silva registou cerâmicas de cozi-

⁶Livre tradução dos autores.

nha decoradas com ondulosos incisos em níveis dos séculos IX / X d.C. (Silva, 2014, p. 81). Já no Alto Mondego, foram os mesmos documentados em sítios enquadrados entre os séculos IX e XI d.C., designadamente, São Gens e Soida (Celorico da Beira), onde predominam os recipientes cozidos em atmosfera oxidante (Tente, Lantes & Prieto, 2014).

Às decorações incisivas com linhas onduladas e motivos reticulados, em cerâmicas comuns de cozedura oxidante podemos admitir uma utilização, grosso modo, enquadrada entre a Antiguidade Tardia e inícios da Alta Idade Média, abrangendo o período entre os séculos V/VI e os séculos VIII/IX. Estas peças poderiam estar inseridas, portanto, num contexto de produção pós-romano que, segundo Adriaan De Man (2004, p. 460), em *Conimbriga*, seria caracterizado por uma “progressiva simplificação morfológica” dos recipientes, supostamente compensada por “determinadas soluções decorativas”, designadamente as linhas onduladas incisivas num primeiro momento, culminando depois nos cordões plásticos digitados (De Man, 2004, p. 460), estes, até ao momento, ausentes nos recipientes do Patarinho 3.

3. As vias antigas

Na Época Romana, face à hipotética passagem de eixos viários terrestres à escala regional pelo território de Santa Comba Dão (Vaz, 1976, pp. 355, 356), está a maior segurança na definição do Mondego como principal via de ligação entre esta zona e os centros de poder do sul. Até meados do século passado, este rio fora navegável, a montante, até a aldeia de Foz do Dão (Lourenço, 2007, p. 16), por meio de pequenas embarcações a que os povos ribeirinhos chamavam “barcas serranas” (Martins, 1940, p. 85). Ali, conforme documentou Pinho Leal, existia “*um caes muito importante e de muito movimento, antes da construção da linha da Beira Alta*” (Leal, 1873–1890, p. 1450). Pela análise do povoamento actual no vale do Mondego, percebemos como os efeitos da sua utilização milenar como via de comunicação deixaram uma curiosa marca na paisagem humana. É que, seguindo a montante pelo rio, a partir de Coimbra até a zona da antiga aldeia de Foz do Dão, contamos pelo menos dezoito povoações ribeirinhas⁷ entre os concelhos de

Coimbra, Penacova e Vila Nova de Poiares, mas depois daquele ponto escasseiam abruptamente. Em Santa Comba Dão, mesmo com a subida das águas após a construção da barragem da Aguieira, não há nenhuma povoação a menos de meio quilómetro da margem direita do Mondego, e também não voltam a aparecer na sua passagem pelos concelhos de Carregal do Sal, Tábua e Oliveira do Hospital. Apenas a partir de Caldas da Felgueira (Nelas), surgem algumas raras aldeias ribeirinhas.

Conforme afirmou Beltrán (1990, pp. 28, 29), a distribuição dos recipientes cerâmicos “*se hizo fundamentalmente a través de vias marítimas y fluviales*”. Nesta linha, acreditamos que no Período Romano, nas proximidades daquela extinta povoação na foz do rio Dão, poderia ter existido uma espécie de “entrepasto” a partir de onde seriam escoados, por terra, os materiais de importação e os produtos oriundos de *Aeminium* e *Conimbriga*, talvez, destinados ao abastecimento desta vasta região encostada na Serra do Buçaco, nas periferias⁸ de *Vissaium* e Bobadela. Desta forma, estamos de acordo com João Inês Vaz (1976, p. 355) que, sem aprofundar-se no assunto, admitiu a passagem de um eixo viário terrestre por Foz do Dão. Pouco mais de 5 km a nordeste daqui, portanto, a villa da Abadia estaria estrategicamente implantada nas proximidades do trecho inicial (ou final) do referido percurso terrestre.

4. Considerações finais

Da análise do espólio do Patarinho 3, pese embora a falta de informação estratigráfica, podemos tecer algumas observações que nos ajudam a descortinar, ou melhor, a começar a perceber a situação cronológica e social da villa da Abadia ao longo das Épocas Romana e Tardo-Antiga.

Não obstante uma ligação económica que certamente manteria com a sua capital de *civitas*, no tocante aos recipientes cerâmicos, depreendemos uma afluência para a villa da Abadia de peças regionais, mais provavelmente vindas do sul. A ligação com as cidades de *Aeminium* e *Conimbriga* está comprovada pela cerâmica calcítica e fortemente sugerida pelos grupos das alaranjadas finas e cinzentas finas alto-imperiais.

Em termos cronológicos, documenta-se com segurança a sua ocupação desde a Época

⁷Designadamente: Terras do Mondego, Venda Nova, Casal de Misarela, Palheiras, Caneiro, Louredo, Rebordoça, Ronqueira, Carvoeira, Cheira, Azenha do Rio, Ponte, Riba de Baixo, Vila Nova, Porto da Raiva, Cunheda e Oliveira do Mondego.

⁸Refere-se, genericamente, aos actuais territórios dos concelhos de Mortágua e Santa Comba Dão.

Alto-Imperial, período bem representado nos artefactos de importação e cerâmicas regionais, designadamente o fragmento de vidro, os exemplares de TSH e cerâmicas cinzentas finas polidas. O momento de transição do Baixo Império para a Antiguidade Tardia (séculos V/VI) aparece representado, possivelmente, no pote de cerâmica calcítica e, seguramente, no fragmento de TSHT decorado. Esta tipologia que, conforme podemos observar no mapa a seguir (Fig. 10), está ainda pouco documentada no Centro de Portugal, testemunha, em época pós-romana, não apenas a manutenção da *villa* da Abadia nas rotas comerciais de alcance regional, como, provavelmente, a manutenção do seu carácter de propriedade senhorial, de certa forma, fazendo lembrar a ocupação da *villa* do Rabaçal (Penela) onde

no século IV, V e VI ainda se banqueteariam sobre o *triclinium* triabsidado (...) numa luxuosa sala de jantar com pavimentos de mosaicos (...) ou frequentavam as termas ali ao lado” (Pessoa, 2011, p. 186).

Ainda sobre a TSHT como característica de determinado tipo de ocupação, Carneiro & Sepúlveda (2004, p. 437) afirmaram tratar-se de um

tipo de produção muito específico e dependente de vários factores, como sejam, logicamente, a cronologia de ocupação, os gostos do proprietário, a capacidade aquisitiva, mas também a proximidade às principais vias de circulação e aos mercados de abastecimento dos produtos.

Avançando pela Antiguidade Tardia (séculos V–VIII), para além de alguns fragmentos de cerâmicas alaranjadas finas possivelmente enquadradas em inícios deste período, o pequeno conjunto de cerâmicas alaranjadas com decoração incisa mostra um repertório com motivos comuns a cerâmicas utilitárias de contextos arqueológicos maioritariamente enquadrados

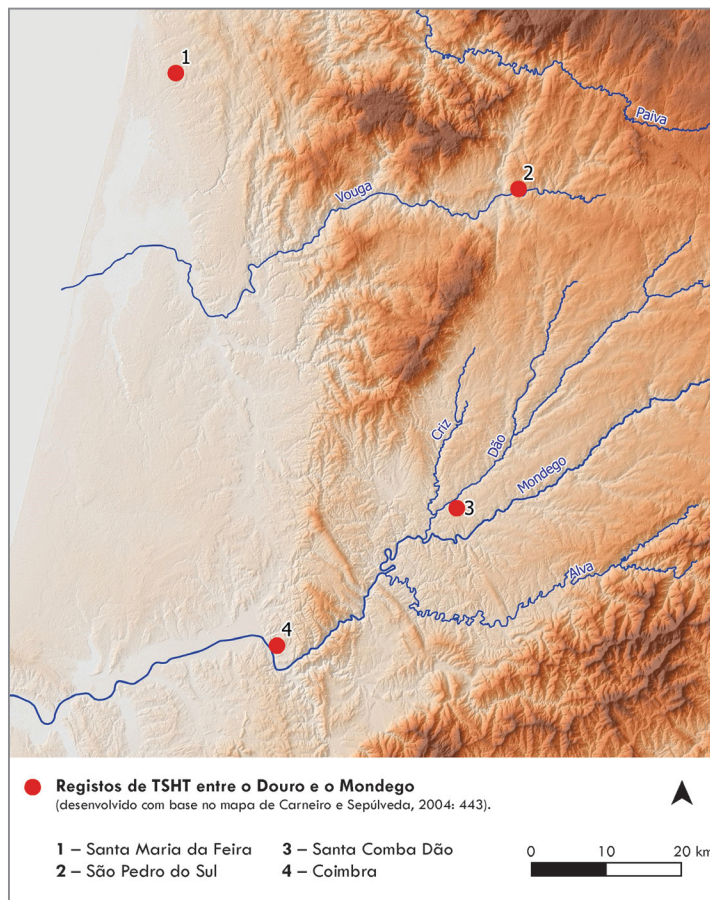


Fig. 10 – Sítios com registo de TSHT (desenvolvido a partir do mapa de Carneiro & Sepúlveda, 2004, p. 443).

entre os séculos V e VI, embora tenham sido registados também em sítios com ocupação inserida em finais da Antiguidade Tardia e inícios da Alta Idade Média, ou mesmo na Idade Média plena. Todavia, ao nosso entender, na encosta do Patarinho, este grupo de peças poderia estar associado ao seu momento final como zona de habitação, portanto, imediatamente anterior ou contemporâneo da sua conversão em espaço sepulcral. Em termos sócio-culturais, estas peças podem refletir se não a imitação de estilos decorativos em centros produtores locais, a manutenção de trocas comerciais entre as olarias com produção de alcance regional e o assentamento tardo-antigo da Abadia.

Bibliografia citada

AGUAROD OTAL, Carmen (1991) – *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.

AGUAROD OTAL, Carmen (2017) – *Cerámica común de mesa y de cocina en el valle del Ebro y producciones periféricas*. In FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen; MORILLO CERDÁN, Ángel; ZARZALEJOS PRIETO, María del Mar, eds. – *Manual de cerámica romana III*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional;

- Madrid: Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias, Sección de Arqueología.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1966) – *Vidros romanos de Conimbriga*. Conimbriga: Museu Monográfico.
- ALARCÃO, Jorge de (1974) – *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade.
- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (1975) – *Fouilles de Conimbriga, vol VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2016) – La cerámica pintada romana de tradición indígena en el territorio de Extremadura. *SPAL*. 25, pp. 183–207.
- CARNEIRO, André; SEPÚLVEDA, Eurico (2004) – Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 435–458.
- CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa (2014) – A propósito da cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira - Portugal). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania / II Congresso Internacional da SECAH - Ex Officina Hispana, Vol. 2*. Porto: Universidade, pp. 291–308.
- CERVEIRA, Ana Filipa (2017) – *A zona norte de Conimbriga: a evolução das cerâmicas locais e regionais: resultados das campanhas de 2013 e 2015–2016*. Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- CIPRÉS TORRES, Pilar (1987) – *Terra sigillata hispánica de Arcaya, Alava: estudio de las formas lisas*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- CUNHA, Cassilda (2009) – *As cerâmicas sigillatae de Conimbriga: estudo de um conjunto inédito*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- CURADO, Fernando; FERREIRA, Maria do Céu; LOBÃO, João Carlos (2013) – Vilares. Trancoso. In *Aspectos da romanização das terras beirãs de entre Tejo e Douro*. Celorico da Beira: Câmara Municipal; ARA – Associação de Desenvolvimento, Estudo e Defesa do Património da Beira Interior, p. 30.
- DE MAN, Adriaan (2004) – Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 459–471.
- FERNÁNDEZ DE LA PEÑA, Francisco Javier (2012–2013) – Dehesa de la Ventosa (Malpartida de Plasencia, Cáceres): un asentamiento rural de época visigoda. *Arqueoweb*. 14, pp. 53–85. < https://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/14/De_la_Penia53-84.pdf > [consultado em 04.01.2019].
- DIAS, Vítor (2014) – A cerâmica de «engobe vermelho pompeiano: imitações». O caso de São Salvador de Aramenha. A cidade de *Ammaia*: Porta Sul. In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania / II Congresso Internacional da SECAH - Ex Officina Hispana, Vol. 2*. Porto: Universidade, pp. 61–73.
- DRAGENDORFF, Hans (1948) – *Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*. Reutlingen: Gryphius-Verlag.
- ESCRIVÁ TORRES, Vincent (1989) – *La cerámica romana de Valentia: la terra sigillata hispánica*. València: Ajuntament.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel; RUIZ MONTES, Pablo (2005) – Sigillata hispánica de origen bético. In *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad, pp. 139–182.
- GARCÍA ENTERO, Virginia; PEÑA CERVANTES, Yolanda; ZARCO MARTÍNEZ, Eva; ARANDA GONZÁLEZ, Raúl (2017) – Contextos cerámicos tardoantiguos procedentes del edificio palacial de Santa María de Abajo de Carranque (Toledo). *Zephyrus*. 80, pp. 147–172.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (1996) – *La cora de Tudmir: de la antigüedad tardía al mundo islámico: poblamiento y cultura material*. Madrid: Casa de Velázquez.
- ISINGS, Clasina (1957) – *Roman glass form dated finds*. Groningen: J.B. Wolters.
- LEAL, Pinho (1873–1890) – *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico, e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, Vol. XII*. Lisboa: Livraria–Editora Mattos Moreira.
- LOURENÇO, Sandra (2007) – *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- LUEZAS PASCUAL, Rosa Aurora; MARTÍN BUENO, Manuel (1995) – *Cerámica pintada romana de*

- tradición indígena procedente de Bilbilis (Calatayud, Zaragoza). *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria y Arqueología*. 8, pp. 235–238.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1940) – *O esforço do homem na bacia do Mondego*. Tese de licenciatura em Ciências Geográficas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MAYET, Françoise (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Bordeaux: Centre Pierre Paris.
- OSÓRIO, Marcos; SILVA, Ricardo Costeira da; NEVES, Dário; PERNADAS, Paulo (2008) – O casal romano do Relengo (Barragem do Sabugal): elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. In *Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional, Vol 3. Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos Sobre a História da Ocupação Humana*. Freixo de Numão: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 98–115.
- PAZ PERALTA, Juan Ángel (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico.
- PEREIRA, Vitor; CAMEIJO, Alcina; MARQUES, António (2015) – Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda). In *Contextos estratigráficos na Lusitânia. Do Alto Império à Antiguidade Tardia*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 69–84.
- PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando; DOMÍNGUEZ BOLAÑOS, Alonso (2005) – *Terra sigillata hispánica tardía del alfar de San Antón, en Lerma (Burgos)*. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología – Arqueología*. 71, pp. 275–298.
- PESSOA, Miguel (2011) – *Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal: um centro na periferia do império e do território da civitas de Conímbriga. Estudo de Mosaicos*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- ROMERO CARNICERO, María Victoria; RUIZ MONTEZ, Pablo (2005) – Los centros de producción de T. H. S. en la zona septentrional de la Península Ibérica. In *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad, pp. 183–224.
- SASTRE BLANCO, José Carlos; CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia (2014) – El conjunto cerámico de El Castillón (Zamora) y las cerámicas de imitación de sigillata en el contexto del Siglo V. In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania / II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana, Vol. 1*. Porto: Universidade, pp. 537–547.
- SILVA, Ana (2007) – *A terra sigillata hispânica tardia de Terronha de Pinhovel: o comércio e o povoamento*. *Cadernos Terras Quentes*. 4, pp. 6–50.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2014) – *A cerâmica dos níveis alto-medievais do Fórum de Aeminium (MnMC, Coimbra)*. In DE MAN, Adriaan; TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 79–96.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro: um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do Fórum Augustano ao Paço Episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Tese de doutoramento em Arqueologia, departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- SILVA, Ricardo Costeira da; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; CARVALHO, Pedro (2015) – Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de Aeminium (Coimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 237–256.
- SOEIRO, Teresa (1981–1982) – Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina. *Portugalia*. Nova série. 2–3, pp. 98–124.
- TENTE, Catarina; LANTES SUÁREZ, Óscar; PRIETO MARTÍNEZ, María Pilar (2014) – *A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal)*. In DE MAN, Adriaan; TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal: séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 109–140.
- VAZ, João Luís Inês (1976) – *Breves notas para o estudo da viação antiga das Beiras*. *Beira Alta*. 35, pp. 349–363.